

IRÚN NAGÔ, TRANÇANDO CULTURA NA CABEÇA: O ENSINO DE GEOGRAFIA AFROCENTRADA A PARTIR DAS TRANÇAS ENRAIZADAS.

Jamaa Tendaji Bakari P. A. dos Santos
j217813@dac.unicamp.br

Resumo

Partindo da potencialidade do ensino de geografia no combate a violência doméstica e somado a abordagem metodológica afrocentrada (centrada nos fenômenos africanos), Irun Nagô foi uma prática educativa desenvolvida e aplicada na Assistência Social de Média Complexidade em Campinas - SP pelo Educador Social de Abordagem Afrocêntrica e estudante de geografia na Unicamp, Jamaa Tendaji Bakari, na formação de um grupo temático intergeracional e misto formado por famílias acompanhadas pelo Serviço Especializado de Proteção Social à Família - SESF da Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência - SETA na unidade da Região Norte de Campinas - SP.

Palavras-chave: Geografia, Afrocentricidade, Tranças.

Introdução

O serviço Especializado de Proteção Social à Família (SESF), parametrado pelo Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), realiza um conjunto de procedimentos técnicos especializados de referenciamentos e contra referenciamentos, a partir de atendimento psicossocial, na perspectiva da interdisciplinaridade, articulação intersetorial com a rede que constitui o Sistema de Garantia de Direitos nos eixos da promoção e efetivação dos direitos, controle social e de defesa. Tem como objetivo assegurar a proteção social, a defesa e a garantia de direitos, com ações de caráter continuado e territorializada, com centralidade na família, tendo como público alvo crianças, adolescentes, adultos, idosos e vítimas de violência doméstica; violência física, psicológica, negligência, abuso e/ou exploração sexual, abandono, exploração financeira, trabalho infantil entre outras violações de direitos, bem como aos seus familiares e, quando possível, ao agressor, proporcionando-lhes



condições para o fortalecimento da autoestima, superação da situação de violação de direitos ou restauração do direito violado.

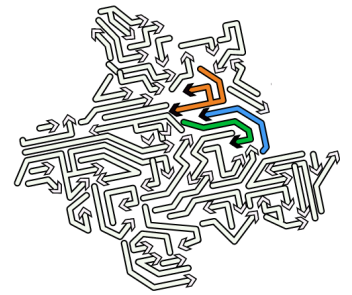
Esse serviço está vinculado aos CREAS e mantém relação direta com a equipe técnica destes Centros que deverão operar a referência e a contrarreferência com a rede de serviços socioassistenciais da proteção social básica e especial e com o Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Conselhos Tutelares, outras Organizações de Defesa de Direitos e demais políticas públicas, no intuito de estruturar uma rede efetiva de proteção social (SESF, 2019).

A Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência (SETA), foi fundada por Odith Fernandes de Oliveira Fontanini em 26 de março de 1973. É uma instituição que presta serviços da proteção Social Básica e/ou Proteção Social de média complexidade com ênfase em atendimento à crianças, adolescentes e famílias em situação de risco e/ou vulnerabilidade social, no município de Campinas e/ou outros municípios do Estado de São Paulo, através de programas e projetos específicos que atendam total ou parcialmente suas necessidades (SETA, 2023).

O município de Campinas possui uma área total de 794.571 km², sendo 388,9 km² de perímetro urbano e 407,5 km² de área rural, subdividida em 5 regiões: leste, noroeste, norte, sudoeste e sul. De acordo com o estudo do IBGE, segundo os dados do RIS - Relatório de informações sociais - de campinas/2016, a região Norte possui 212.342 habitantes, sendo a quarta maior população entre as cinco regiões do município. Portanto, a região possui baixa densidade demográfica, em virtude da grande área para o número reduzido de habitantes.

O Território Norte (Macrorregião Norte) de Campinas é composto pelos Distritos de Barão Geraldo, Aparecidinha e conglomerados Periféricos como a microrregião dos Amarais, San Martin, Boa Vista, Eulina e bairros do centro-norte do município; a macrorregião norte está entre as regiões com maior acessibilidade a espaços institucionais públicos como a UNICAMP e serviços, se destacando pela quantidade de Organizações da Sociedade Civil e organizações comunitárias, com fácil acessibilidade às rodovias, e espaços privados e de lazer como o Shopping D. pedro (PREFEITURA DE CAMPINAS).

Apesar das características apontadas anteriormente a região Norte é marcada por contradições nítidas em sua distribuição geográfica, com conglomerados urbanos isolados e desiguais, refletindo a segregação espacial, racial e econômica dessa região;



No SESF Seta Norte durante o acompanhamento realizado foi nítido a maior participação de usuárias mulheres CIS, referenciadas como titulares para os Atendimentos, Acompanhamentos nos Serviços, Visitas Domiciliares e etc, demonstrando que a responsabilidade e a vitimação do ciclo de violência intra familiar acaba se manifestando principalmente em relação a mulher.

É notável a grande composição racial negra das famílias atendidas, onde pelo menos 90% dos usuários são pessoas afrodescendentes, característica esta que aflora da contínua desigualdade racial do país, onde a maior parte das pessoas sofrendo violações de direitos (inclusive as mais graves) são membros da comunidade negra.

O SESF Seta Norte é organizado em 4 equipes técnicas formadas por Assistentes Sociais, Educadores Sociais e Psicólogos Sociais, sendo que os educadores trabalham em duas equipes;

Os Casos são encaminhados pelo CREAS e cada equipe deve ter sempre 30 famílias sendo atendidas, assim educadores atendem 60 famílias e a unidade como um todo 120 famílias.

São realizadas três vezes ao mês supervisões técnicas de cada área de atuação, as supervisões são espaços de discussão de casos e orientações temáticas, para além de ser um espaço de acolhimento das demandas emocionais e organizacionais e dos trabalhadores.

As equipes técnicas são responsáveis por fazer os encaminhamentos, acompanhamentos nos serviços, atendimentos individuais sistemáticos, atendimentos grupais, oficinas temáticas, articulações com a rede socioassistencial.

É função do Educador Social, receber e estabelecer contato com a história, o relato da violência e identificação das violações à partir das inferências;

Realizar contatos presenciais ou não com os serviços do território com o objetivo de complementar as informações do histórico de atendimento familiar;

Acolher e fazer a escuta individual que será realizada pela equipe interdisciplinar (Serviço social, psicologia social e educação social) dos quatros grupos referenciados pelo CREAS Norte, priorizando um ambiente reservado, que zele pela privacidade e dignidade das demandas apresentadas pelas usuárias e usuários do serviço, seus interesses, necessidades e possibilidades, desde os momentos iniciais até o desligamento das famílias e



indivíduos, de forma planejada ou espontânea, momento este que norteará as primeiras ações da equipe interdisciplinar, bem como, contribuirá para o início da construção de vínculo de referência e de confiança;

Se reunir mensalmente para pensar estratégias para as ações, desenvolvendo para os atendimentos práticas educativas que possuam tema, objetivo, metodologia, materiais pedagógicos e que seja referenciada tecnicamente e teoricamente.

Realizar contato por meio telefônico (telefonema, WhatsApp, app de comunicação, entre outros) ou de forma presencial, para convite e agendamento com as famílias que participarão da atividade proposta (esta ação não é de exclusividade dos profissionais da educação social, podendo ser desempenhada pelos demais membros da equipe);

Observar o desenvolvimento, dos resultados da Prática Educativa e os desdobramentos no atendimento do grupo familiar;

Conversação com a Equipe de Referência do usuário sobre a ação educacional realizada;

Realização da escrita do Prontuário online, bem como a Inserção Periódica dos dados e das ações com as famílias e a inserção dos dados das ações mensais do educador (SESF, 2019).

Irun Nagô

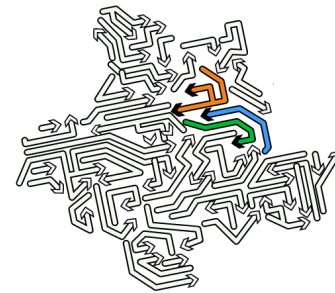
Como apontado anteriormente é parte do fazer do Educador Social de média complexidade a criação de práticas educativas e atendimentos individuais e coletivos. O Irun Nagô¹ foi um grupo formado para pessoas vítimas de violências domésticas. Sua nomenclatura faz jus ao nome popular para referenciar os povos yorùbá² no Brasil “nagô”, enquanto Irun representa o cabelo.

Orientado na metodologia afrocentrada cunhada pelo filósofo Molefi Kete Asante se faz importante destacar que:

“Afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam. Em termos teóricos é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise de fenômenos africanos. (...)Assim ser

¹ Cabelo (Beniste, 2019. p.393)

² Denominação generalizada de um povo que habita a atual região africana da Nigéria. (BENISTE, 2019. p.816)



negro é estar contra todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e dominação racial branca. (...)Vemos, dessa forma, como a Afrocentricidade é a peça central de regeneração humana.” (ASANTE, 2014, p.3)

Por tanto, a abordagem afrocentrada, firmada nos valores civilizatórios indígenas africanos, têm muito a agregar no combate à violência doméstica e o rompimento com o ciclo de violência racial e as demais violações de direitos.

Somado ao o conceito de corpo território de Rogério Haesbaert que sugere ser fundamental manter a “condição territorializadora” no corpo ou no órgão corporal enquanto pertencente e sob poder decisório de uma pessoa (HAESBAERT, p.81), essa noção do corpo é caro para a comunidade afro brasileira que sofre com os tentáculos da maafa³ em suas subjetividades. O autor também indica que há partes do corpo que geram territorialidades distintas”(HAESBAERT, p.81), logo, nesse caso, somando a concepção cultural yorubá de Orí⁴ em que a cabeça é sagrada, é possível entender esse órgão na comunidade negra como símbolo de resistência política e um território que marca a subjetividade da cultura africana no espaço.

Por tanto, foram realizados oito encontros temáticos com o desenvolvimento de atividades centradas em rodas de conversa e posteriormente a aprendizagem sobre as técnicas de tranças enraizadas, respectivamente: Tranças soltas, Tranças Enraizadas, Tranças Enraizadas Desenhadas, Tranças Enraizadas com lã, looks de lã, looks enraizados; os dois últimos encontros não dispunham de técnicas de tranças.

As tranças nagô são um fenômeno cultural, central e localizador nessa prática, pois a partir delas foram cunhados temas em rodas de conversas e atividades manuais que proporcionam a busca pela garantia de direitos, como os temas adiante.

Auto Imagem: “ Identificando e se Reconhecendo”, iniciando a partir da estética negra é essencial o reconhecimento de que parte do comportamento social europeu se manifesta a

³ O Holocausto africano, o grande sofrimento do nosso povo (negro) nas mãos de europeus no hemisfério ocidental. (ANI, 1994. p.29)

⁴ Cabeça. (BENISTE, 2019. p.591)

partir do nacionalismo branco, que é uma expressão do nacionalismo europeu que identifica características raciais caucasianas com superioridade e características raciais africanas com inferioridade (ANI, 1994. p.29), dessa forma o sistema de dominação racial hierarquiza esteticamente as pessoas afim da manutenção do ideário da supremacia branca, por isso, foi fundamental que essa prática iniciasse no senso de auto reconhecimento e reconhecimento comunitário, a partir de recortes em revistas que apontavam localização de pessoas pretas nesses materiais, em seguida, uma roda de conversa sobre o lugar do negro na sociedade brasileira e a importância do empoderamento estético para as bases da consciência negra. No segundo encontro “Localização: Onde eu estou, eu sou!” foi realizada uma aula expositiva sobre a origem das Tranças enraizadas, resgatando imagens da Civilização Clássica de Kemet ⁵, seu processo migratório para África Ocidental influenciando a Formação da Civilização de Ifê ⁶(Atual Nigéria) trazida para o Brasil (mais especificamente no Estado da Bahia) pelos povos yorùbá e sendo divulgada a partir das migrações regionais Brasileiras com ênfase na Migração Nordestina para o Sudeste em meados do século XX.

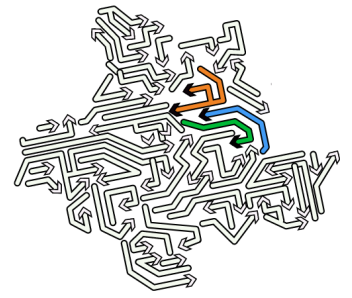
Desenvolvendo um raciocínio temporal referenciado na Localização Civilizatória Africana proporcionou o movimento de Sankofa ⁷(Nunca é tarde pra voltar de aprender com o passado - provérbio Akan) para os presentes, que puderam identificar a partir dos mapas e das imagens de pessoas negras de diferentes civilizações e culturas penteados feitos no Brasil e até mesmo em suas famílias, onde não havia consciência da origem e significados desses penteados, estando limitados no atual contexto a uma reprodução estética.

Sagrado “Ubuntu, "Somos individualmente e Coletivamente”, Segundo (ANI, 1994. p.29) dessacralização é a alienação e objetificação da natureza. Nessa visão, a natureza se tornar um adversário, esta abordagem a realidade se origina na falta de naturalidade, para nós pessoas pretas que vivem a violência do sistema de dominação racial em todos seus aspectos é fundamental o referenciamento cultural e espiritual contra a dessacralização, dessa forma

⁵ (Antigo Egito) é considerado o progenitor do Estado moderno. Representa o primeiro modelo conhecido que produziu em ambiente urbano.(DOVE,2002)

⁶ Cidade da Nigéria a nordeste de Ibadam, considerada centro cultural de formação do povo yorùbá. (BENISTE, 2019. p.345)

⁷ É um conceito Akan de recuperação histórica, significa literalmente “retornar e recuperá-lo”, mas conceitualmente mais amplo. (KARENGA, 2014. p.39)



podemos estabelecer relações mais harmoniosas com o espaço e os seres, como na filosofia banto “Ubuntu” que segundo (NOGUEIRA, 2012. p.148) ao citar Ramose, explica que “ubu”

evoca a ideia do “Ser” integral, comunitário e que “ntu” a manifestação particular dos modos de existência.

Outros princípios como a Autodeterminação “O Espírito de Kujichagulia⁸”, Cooperação “a premissa de Èsù⁹, Se não for Troca é roubo!”, Trabalho Coletivo e Responsabilidade “Ujima¹⁰, o trabalho para exploração ou o Trabalho para a elevação da comunidade?”, foram essenciais para a reflexão das famílias atendidas para o findar do ciclo da violência.

Em seguida, o princípio de empreendimentos negros “Re-Existindo no Capitalismo” com a reflexão crítica do lugar do negro na sociedade brasileira em relação ao trabalho, finanças e economia, a “cor da pobreza no Brasil”, e a importância de práticas de resistência econômica como valorizadas no início do século XX pelo líder político Marcus Mosiah Gavey na Jamaica que lembrava a relevância de pessoas negras terem seus negócios como forma de sobrevivência no Capitalismo. E finalizando com o princípio de “Comunicação” foram ensinadas técnicas básicas para o uso das redes sociais para a divulgação dos trabalhos, no final da prática aconteceu uma confraternização com a entrega de certificados.

Considerações finais

Sete famílias atendidas participaram da prática educativa, com participação integral de quatro famílias, com um total de quinze pessoas atingidas pelo grupo temático.

Foi realizada uma roda de conversa para saber sobre as devolutivas dos participantes, e foi trazido pelos mesmos que o irun nagô foi um espaço de “Acolhimento” por promover a

⁸ Autodeterminação, para definir a nós mesmos, nomear a nós mesmos, criar a nós mesmos e falar por nós mesmos, em vez de ser definido, nomeado, criado e falado por outros. (KARENGA, 2014. p.40)

⁹ Divindade com diferentes atributos ligados a comunicação (...). (BENISTE, 2019. p.218)

¹⁰ Trabalho e responsabilidade coletivos, construir e manter nossa comunidade juntos e fazer dos problemas de nossos irmãos e irmãs nossos problemas e resolvê-los juntos. (KARENGA,2014. p.40)



escuta qualificada e a convivência comunitária, “Interação” por possibilidade de troca de saberes com diferentes pessoas, “Aprimoramento” qualificando mais pessoas que já desenvolviam os penteados, “aquisição de novos conhecimentos” com o ensino das técnicas de tranças e demais conhecimentos abordados, “fonte de renda” por proporcionar autonomia financeira para pessoas desempregadas e a possibilidade de expandir os negócios.

Um jovem adulto homem cis, hetero, negro conseguiu desenvolver habilidades para o trabalho no seu salão de cabelereiro, uma mulher cis negra idosa abriu um salão de tranças no quintal da sua casa com a sua família, e uma mulher trans negra que estava desempregada foi admitida em um salão de cabelereiro executando a função de trancista.

Essa prática educativa, dentre tantas potencialidades, foi uma forma de ensinar sobre a geografia afro-brasileira com a linguagem no corpo, o corpo no espaço e a localização cultural.

Referências bibliográficas

ANI, M. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: Africa World Press, 1994.

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. Trad. Ana Monteiro Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá/Português**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019

DOVE, N. **Defining a Mother-Centered Matrix to Analyze the Status of Women**. Journal of Black Studies, vol.33 No.1, September 2002 3-24

Edital de Chamamento N°02/2019 do Serviço Especializado de Proteção Social a Família:

<<https://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/assistencia-social-seguranca-alimentar/02-2019/anexo-1.pdf>>

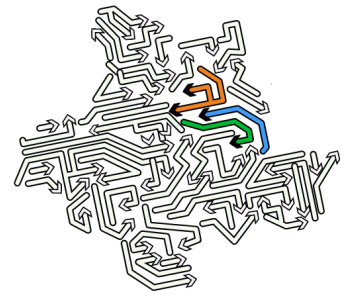
KARENKA, Maulana. (2014). **MAKING THE PAST MEANINGFUL: Kwanzaa and the Concept of Sankofa**. Reflections: Narratives of Professional Helping, 1(4), 36–46.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012.

8º Encontro Regional de Ensino de Geografia

Linguagens, formação docente e práticas educativas no ensino de geografia

Universidade Estadual de Campinas, 21,22 e 23 de setembro de 2023



Prefeitura Municipal de Campinas. Disponível em:
<<http://www.campinas.sp.gov.br/>>

Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência. Disponível em:
<<https://www.setacampinas.org.br> >